Acervo ISA

CEDI

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

BOR00159

RÁDIO

Brasil 2.000 FM traz Brian Eno

João Caldas - set. 87

O compositor Brian Eno

O programa "Studio Tan" apresenta hoje o CD "Wrong Way Up" de Brian Eno e John Cale e novos discos do The Cure e Sisters of Mercy, entre outros.

PÁG. E-4

SHOW

Olympia tem Cliff e Ray Charles

Niels Andreas

O cantor e pianista Ray Charles

O cantor Ray Charles, o "pai do soul", se apresenta pela quinta vez em São Paulo, no próximo mês, no Olympia. A casa de shows anuncia ainda outras atrações norte-americanas, como o "jazzman" Gerry Mulligan, o "rocker" Johnny Rivers (que toca no próximo fim-de-semana), a cantora, compositora e pianista Carole King, que se apresenta pela primeira vez no país, e o jamaicano Jimmy Cliff.

PÁG. E-3

FILME NA TV

Japoneses têm ciclo na Cultura

Divulgação

Cena de 'As Irmãs...'

A TV Cultura exibe a partir de hoje, aos sábados, um ciclo dedicado ao cinema japonês. O filme que abre o ciclo, às 22h30, é "As Irmãs Makioka", de Kon Ichikawa.

PÁG. E-2

ilustrada

FOLHA DE S.PAULO — Sábado, 3 de novembro de 1990 E - 1

Índios bororo lançam em disco segredos de seu culto aos mortos

LUÍS ANTÔNIO GIRON
Da Reportagem Local

BORORO VIVE - LP com cantos do ritual funerário dos bororo, gravado ao vivo na aldeia de Córrego Grande, Mato Grosso, em 1985. Edição do selo Idéia Livre, com subvenção da Universidade Federal do Mato Grosso. Lançamento em Cuiabá: na próxima terça, às 21h, no Museu Rondon (av. Fernando Correa da Costa s/nº, Cidade Universitária, tel. 065-315-8357). Lançamento em São Paulo: no próximo dia 29, às 21h, na Embaixada dos Povos da Floresta (pça. Ênio Barbato, s/nº, Caxingui, zona oeste, tel. 211-53-41), com presença e apresentação de membros da tribo bororo. Preço do LP: Cr$ 2 mil.

A Universidade de Mato Grosso está lançando o LP "Bororo Vive", o primeiro disco a registrar o ritual funerário dos índios bororo do Mato Grosso. A tiragem inicial é de 2 mil cópias. O dinheiro arrecadado reverterá à tribo que gravou o funeral —a da aldeia de Córrego Grande (250 quilômetros de Cuiabá).

A gravação integra uma pesquisa coordenada pela antropóloga Joana Fernandes Silva, 37, da UFMT, de 1985 a 1987, a partir da idéia dos fotógrafos Kim-Ir-Sem, 39, e Valdir Pina, 40, de montar um audiovisual.

Há dez anos, Kim e Pina se encantaram com o documentário "Funeral Bororo", feito nos anos 50 por Darcy Ribeiro. O filme foi realizado por sugestão do marechal Cândido da Silva Rondon (1865-1958), filho de mãe bororo, impossibilitado de participar dos rituais naquela ocasião. "O funeral foi a experiência mais forte da minha vida de antropólogo", diz Ribeiro na fita do filme [*leia texto ao lado*].

O encanto vem de longe. Os bororo são das tribos mais estudadas. Foram apaziguados pelos "civilizados" no início do século, depois de duzentos anos de resistência e carnificina. Desde então, o complexo funeral bororo seduziu os estudiosos.

O antropólogo francês Claude Lévi-Strauss visitou a aldeia de Kejara em 1936. No livro "Tristes Trópicos", de 1955, escreveu: "Poucos povos têm um sistema metafísico tão elaborado quanto os bororo".

De 1936 para cá, Kejara e outras povoações foram destruídas. De 20 aldeias, restaram seis, todas localizadas ao longo do rio São Lourenço, numa área de 130 mil hectares. Para uma tribo que no século 18 possuía todo o território de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Bolívia, é quase nada. Arqueólogos examinaram pinturas rupestres da tribo e concluíram que ela está na região há oito mil anos. É contemporânea dos egípcios.

No início de 1985, Kim, Pina e a equipe da UFMT encontraram os 132 bororo da aldeia de Córrego Grande encurralados por fazendas ilegais e teimando em manter o funeral. Resistiram ao audiovisual, mas adoraram fazer um disco. "Eles têm toca-discos em todas as malocas", conta Joana. "Ouvem música sertaneja e Roberto Carlos. Quando sugerimos o disco, os jovens vibraram". Foi gravado sob orientação do bari (chefe religioso) Kadagari, 70, memória dos cantos.

Entre os bororo, ritual funerário é sinônimo de sistema metafísico, técnica, arte e enciclopédia. Segundo eles, foi o deus Baitogogu que lhes ensinou o funeral, com o que se distinguiram dos animais. Mas os bororo já não conseguem ornar seus cocares com penas de arara vermelha e urubu-rei. Matar onças é muito difícil. "Os jovens pensam em encerrar ou adaptar o ritual, que é muito caro", diz Joana.

Quando morre um membro da tribo, a vida econômica dos bororo pára em nome do ritual. Muitos são bóias-frias nas fazendas, poucos são professores e profissionais ubanos. Têm de interromper o trabalho, pois o rito dura dois meses. Os oito clãs da tribo comparecem com seus cantos ("róia"), danças e adereços. O morto é descarnado, seus ossos decorados. Os índios choram, arrancam os cabelos e se cortam. O bari promove o encontro da aldeia dos vivos com a dos mortos e canta versos em linguagem erudita e arcaica. Coros femininos emitem notas longas, com acompanhamento de bapo, panna e poari. Os músicos produzem sons complexos, que lembram os do teatro Nô japonês e experiências do minimalismo.

Mas a riqueza musical dos bororo não se resume aos "róia" gravados no disco. Há os "kare eparu", cantos de caça e pesca, os "oieigo", à alegria, e as músicas infantis. Boa parte está gravada em 19 horas de fita em poder de Kim. Se "Bororo Vive" fizer sucesso, os pesquisadores prometem mais choques sonoros.

Editoria de Arte

Fotos Kim-Ir-Sem/Ikso

Mestre cantor bororo toca bapo durante uma cerimônia funerária na aldeia de Córrego Grande (MT)

Astros pop exploram os sons da selva

Da Reportagem Local

Nos últimos cinco anos, os músicos populares brasileiros têm explorado e incorporado as músicas dos índios numa velocidade e cobiça de fazer inveja a qualquer fazendeiro do Mato Grosso.

A razão do interesse não é apenas ecológica. Somente agora o ruído e as articulações sonoras não-lineares da música indígena ganharam aval científico e estético. Torna-se um terreno riquíssimo e ainda intocado.

Antes desse aval, aos sons dos índios estava destinado um papel secundário. Mesmo assim, infiltraram-se nas escalas nordestinas, nas matracas do bumbá-boi e no canto do carimbó.

Villa-Lobos (1887-1959) já vislumbrava, no início do século, o ouro dessa música. Citou escalas tupi-guaranis em muitas obras. Mais recentemente, a compositora amazonense Marlui Miranda tem explorado e divulgado a música dos suruí do Amazonas. Egberto Gismonti usou temas indígenas do Xingu nas trilhas sonoras do filme "Kuarup" e no álbum "Sol do Meio-Dia", ambos do ano passado. Milton Nascimento anda hipnotizado com as melodias dos macuxi, suruí, guaiampi e caipó do Acre. O grupo Uakti incorporou mais profundamente as bases da música indígena e conseguiu, a partir dessas leis, criar uma nova linguagem sonora. **(LAG)**

Memorial tem fitas de cultura indígena

Da Reportagem Local

O Pavilhão de Criatividade do Memorial da América Latina possui uma cópia em vídeo do documentário "Funeral Bororo", realizado em 1953 pelo antropólogo Darcy Ribeiro e o cineasta Heinz Forthmann. Duração: 47 minutos. É um filme básico.

Segundo a fotógrafa e cineasta Maureen Bisilliat, coordenadora do pavilhão, o Memorial já coletou mais de 30 horas de audiovisuais sobre cultura indígena. Quem quiser assistir os vídeos e filmes, pode ligar para o Pavilhão de Criatividade e marcar horário. É grátis. **(LAG)**

MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA - Av. Mário de Andrade, 664, Barra Funda, zona oeste, tel. 823-9611, ramais 360 e 368. Falar com Ana ou Jair.

Editoria de Arte

INDIOFOLHA

CERCA DE 770 BORORO SOBREVIVEM NO BRASIL *

(população e ano da estimativa)

* Todos os números citados são estimativas feitas através do contato com as tribos e de fontes bibliográficas.
Fonte: Museu Rondon, Universidade Federal de Mato Grosso

BASE INSTRUMENTAL É PERCUSSÃO E SOPRO

Aije Aco - Zunidor. Instrumento feito de madeira cortada em forma de peixe, dotada de uma corda, agitada no ar. Representa a voz de Aije, espírito da lama e das águas.

Bapo Kurireu — Maracá (chocalho de cabaça) grande, faz a maior parte das bases rítmicas do funeral. É usado no mínimo em dois pares e, no máximo, oito, sob comando dos cantores.

Bapo Rogu - Maracá pequeno, é usado nos cantos profanos e de caça e pesca. Realiza a base rítmica de todos esses cantos. O cantor geralmente o executa e chefia os acompanhamentos.

Ika - Flauta transversal. Acompanha alguns cantos, como o que anuncia o início das refeições às almas e o final do ritual. As vozes ds mortos se manifestam pela ika, crêem os bororo.

Índios bororo agitam bapos (maracás) durante cerimonial funerário na aldeia de Córrego Grande

Ká - Tambor pequeno, feito de de couro e madeira. Faz a base rítmica de poucos cantos fúnebres. É usado em momentos solenes do ritual, como a decoração do cadáver celebrado.

Panna - Instrumento de sopro construído com duas ou três cabaças superpostas. Produz efeitos de percussão e sons graves. Ajuda na marcação do tempo em muitos cantos.

Parira — Flauta aguda, tocada longitudinalmente. Raramente é usada nos rituais. Toda decorada, não tem furos e produz sons não-teperados, como escalas enarmônicas e microtons.

Poari - Flauta superaguda, feita com uma pequana cabaça, que simboliza o morto. Cada família bororo possui seus poaris. O número de instrumentos correspondentes ao dos mortos.